

**Comportamento sexual dos estudantes de medicina: diferenças entre os sexos e fatores influenciadores****Sexual behavior of medical students: differences between genders and influencing factors**

DOI:10.34117/bjdv6n10-199

Recebimento dos originais:01/10/2020

Aceitação para publicação:09/10/2020

**Rodrigo Davanço Souto**

Acadêmico do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: davancorodrigo@gmail.com

**Carolina Ribeiro Fernandes Oliveira**

Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: carolina.rfo@hotmail.com

**Rayssa Carolina de Lacerda Candido**

Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: rayssacarolina@hotmail.com

**Sofia de Barros Jesus**

Acadêmica do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: sofiadebarrosjesus@gmail.com

**Edwilson Gonçalves Rios Filho**

Acadêmico do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: edwilsonrios@hotmail.com

**Rodrigo Dias Cassimiro**

Acadêmico do Curso de Medicina no Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA  
Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA  
Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515  
E-mail: rodrigodiasc17@gmail.com

**Raquel Oliveira dos Santos**

Graduação em Medicina pela Universidade Federal de Goiás (2011) e residência em Clínica Médica e Cardiologia pela Universidade Federal de Goiás

Instituição: Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA

Endereço: Av. Universitária, Km 3,5, Cidade Universitária – Anápolis, Goiás, CEP: 75083-515

E-mail: rosraquel@hotmail.com

**RESUMO**

Comportamento sexual pode ser considerado de risco quando, por exemplo, o uso de preservativo para evitar uma gestação ou proteger-se de uma infecção sexualmente transmissível (IST) não é escolhido. O objetivo deste trabalho foi comparar, entre os sexos, o comportamento sexual dos acadêmicos do ciclo básico (primeiro ao quarto período) do curso de medicina de uma instituição de ensino privada do Centro-Oeste brasileiro, bem como as situações de risco e seus possíveis fatores influenciadores. Tratou-se de um estudo epidemiológico transversal e descritivo. Foram aplicadas 39 questões objetivas adaptadas de 4 estudos. Houve diferença entre os sexos quanto ao parceiro na primeira relação sexual ( $p=0,007$ ), os homens com maior número de parceiros após a entrada na faculdade ( $p=0,01$ ), a camisinha e o anticoncepcional hormonal como os principais métodos utilizados ( $p=0,008$ ) e a tendência de menor uso de preservativos por pessoas que praticam relações sexuais não exclusivamente heterossexuais (Odds Ratio com intervalo de confiança variando entre 0,6 e 19). Morar sem os pais favorece o uso de métodos protetivos ( $p=0,05$ ) e usar preservativo na primeira relação contribuiu para uma chance 3,9 vezes maior de uso nas subsequentes ( $p=0,007$ ). Parte dos acadêmicos apresentam práticas sexuais de risco. São necessários mais estudos que avaliem outras etapas da graduação, permitindo uma discussão com mais embasamento.

**Palavras-chave:** Sexualidade, Doenças Sexualmente Transmissíveis, Educação em saúde.

**ABSTRACT**

Sexual behavior can be viewed as risky when, for example, the use of condoms to avoid pregnancy or to protect against a sexually transmitted infection (STI) is not chosen. The objective of this study is to compare, between genders, the sexual behavior of students in the basic cycle (first to fourth semester) of the medical program at a private post-secondary education institution in the Brazilian Midwest, as well as risk situations and its possible influencing factors. This is a cross-sectional and descriptive epidemiological study. 39 objective questions were applied, adapted from 4 studies. There was difference between sexes regarding one's first sexual partner ( $p=0,007$ ), men with a greater number of partners after entering college ( $p=0,01$ ), condoms and hormonal contraceptives as the main methods used ( $p=0,008$ ) and the lower use of condoms by individuals whose sexual relations are not exclusively heterosexual in nature (Odds Ratio with confidence interval ranging from 0,6 to 19). Living without parents is conducive to the use of protection ( $p=0,05$ ) and using condoms in one's first sexual encounter contributes to a 3.9 times greater likelihood of condom use in subsequent relations ( $p=0,007$ ). Part of the student group engages in risky sexual practices. Further studies are needed at other stages of post-secondary education, allowing for a more foundation discussion.

**Keywords:** Sexuality, Sexually Transmitted Diseases, Health Education.

## 1 INTRODUÇÃO

Os jovens estão mais expostos a contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), a exemplo do Vírus da Imunodeficiência Humana (do inglês, *Human Immuno-Deficiency Virus*, HIV), gonorreia, sífilis, tricomoníase, lesão em cancro, herpes genital, além do risco de uma gravidez não desejada. Tal vulnerabilidade é bastante relacionada a fatores como a falta de informação e discussão sobre temas ligados à sexualidade e à anticoncepção (CASTRO et al., 2016).

O comportamento sexual pode ser enquadrado como de risco quando o uso de preservativo, para evitar uma gestação ou proteger-se de uma IST, não é escolhido, podendo, assim, afetar a saúde física e mental do sujeito (CHINAZZO; CÂMARA; FRANTZ, 2014; LOBBY et al., 2019). Segundo autores, as características dos jovens associadas à conduta sexual de risco são: uso de drogas ilícitas, tabagismo, alcoolismo, atraso escolar, abuso sexual, sexo, escolaridade, idade e estado civil dos pais (SILVA; CAMARGO; IWAMOTO, 2014). Associado a essas características, soma-se o fato da fase inicial das atividades sexuais, muitas vezes não ser acompanhada pela conscientização necessária e pela adoção de medidas protetivas adequadas. Por isso, muitos jovens correm o risco de adquirir ISTs e muitas mulheres acabam não se prevenindo contra uma gravidez (RABELO et al., 2006; DANTAS et al., 2015; ALMEIDA; ROCHA, 2017).

As ISTs são mais prevalentes entre jovens de 14 a 29 anos, e os universitários fazem parte de uma população altamente exposta a essas doenças, muitas vezes apresentando-as de forma assintomática. Diante disso, torna-se imprescindível a necessidade de medidas preventivas para esse grupo, com foco na orientação sexual que proporcione condições para o jovem se proteger (BRÊTAS et al., 2009). De acordo com o Boletim Epidemiológico da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida – SIDA (do inglês, *Acquired immunodeficiency syndrome - AIDS*) (2018), o Brasil registrou nos últimos 5 anos uma média de 40 mil novos casos de pacientes portadores do vírus e percebeu-se um aumento em jovens de 15 a 19 anos e de 20 a 24 anos.

Existe a necessidade de que o comportamento sexual dos acadêmicos seja reconhecido para que estratégias possam ser tomadas no intuito de que a universidade represente um espaço capaz de influenciar tanto a qualidade profissional como o comportamento sexual, evitando práticas de risco. Dessa forma, o objetivo deste trabalho foi comparar, entre os sexos, o comportamento sexual dos acadêmicos do ciclo básico (primeiro ao quarto período) do curso de medicina de uma instituição de ensino privada do Centro-Oeste brasileiro, bem como as situações de risco e seus possíveis fatores influenciadores.

**2 METODOLOGIA**

Tratou-se de um estudo epidemiológico transversal e descritivo realizado no Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA/GO. A pesquisa foi realizada com os alunos do ciclo básico (primeiro ao quarto período) do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA/GO. Foram escolhidos especificamente estudantes de medicina pois representam futuros profissionais que lidarão diariamente com questões ligadas a hábitos sexuais considerados de risco em sua vida profissional, fazendo com que fosse importante identificar comportamentos arriscados passíveis de incentivo à adequação.

Para o cálculo amostral levou-se em consideração que havia aproximadamente 85 alunos por sala com idade acima de 18 anos de ambos os sexos. Para tanto, trabalhou-se com a hipótese de que 5% dos avaliados tivessem comportamentos sexuais inadequados e levou-se em consideração um erro de estimativa de 5%. Com isso, chegou-se a uma amostra mínima de 13 pessoas por sexo e por período, o que totalizou uma amostra de 104 indivíduos. Para este cálculo foi utilizada a fórmula de amostra finita de Levin (1987). Por fim, como margem de segurança para coleta das informações e considerando a possibilidade de desistência e/ou preenchimento inadequado, foram coletados dados de 20% a mais da quantidade de participantes necessária, totalizando 125 indivíduos.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão estar matriculado e pertencer ao ciclo básico do curso de medicina do Centro Universitário de Anápolis – UniEVANGÉLICA, ter 18 anos ou mais de idade, estar presente no momento de aplicação do instrumento de coleta de dados, estar de acordo e assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) que garante o anonimato e o uso dos dados exclusivamente para fins de pesquisa. Como critérios de exclusão, alunos que declinaram da participação e/ou não responderam as questões de maneira adequada, impossibilitando a análise final.

Como instrumento de coleta de dados foram aplicadas 39 questões objetivas adaptadas dos estudos de Falcão Júnior et al. (2007); Silva, Camargo, Iwamoto (2014); Soares et al. (2015) e do questionário para avaliação de programas de prevenção das ISTs/AIDS adaptado do Ministério da Saúde que possibilitaram a obtenção de dados que respondessem aos objetivos do estudo.

Foi feita uma estatística descritiva na forma de média, desvio padrão, frequência simples e percentual com intuito de caracterizar a amostra. Em seguida foi procedido o teste do qui-quadrado, objetivando comparar as distribuições percentuais dos dados coletados. O passo seguinte foi a aplicação de uma correlação de Spearman para correlacionar os fatores de risco com os comportamentos sexuais.

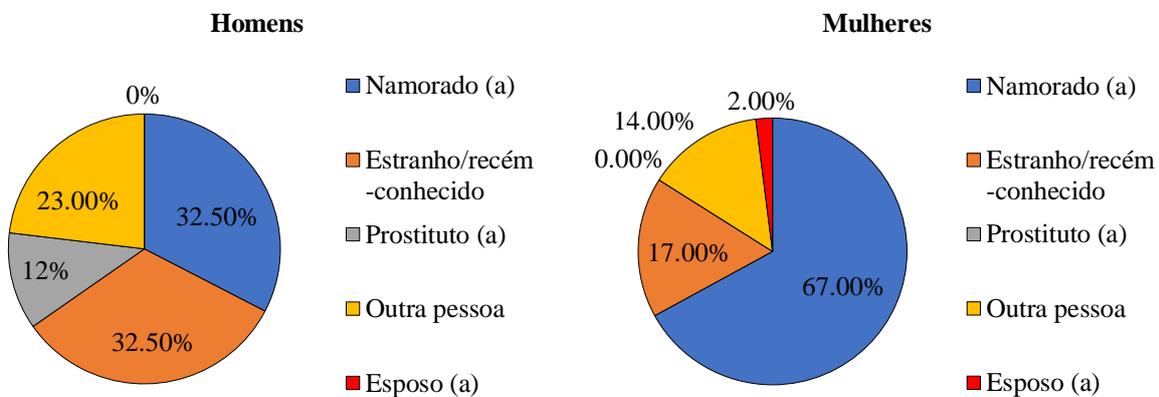
A pesquisa seguiu os preceitos éticos estabelecidos pela resolução 466 de 2012. Foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Anápolis com o parecer número 3.694.819/2019. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

### 3 RESULTADOS

Dos 125 indivíduos pesquisados, 12 tiveram seus dados excluídos e não foram analisados. Isso ocorreu pela impossibilidade de avaliar corretamente o instrumento de coleta de dados pelo motivo de preenchimento incompleto. Desse modo, foram analisados dados de 113 indivíduos, sendo que, obedecendo a amostra mínima calculada, pelo menos 13 pessoas por sexo e por período foram obtidas.

Houve diferença significativa entre os sexos ao se comparar o parceiro na primeira relação sexual ( $p=0,007$ ) (Gráfico 1). Não houve diferença significativa entre os sexos quanto ao uso de camisinha na primeira relação sexual. Dentre os participantes, 63 (74,1%) afirmaram ter usado camisinha na primeira relação e 22 (25,9%) negaram.

**Gráfico 1 - Parceiro na primeira relação sexual**



Não houve diferenças estatisticamente significativas entre os sexos ao comparar o uso de métodos contraceptivos/protetivos em pessoas com parceiro fixo. Das pessoas que possuíam parceiro fixo, 37 (79%) utilizavam dos métodos, enquanto que 10 (21%) não utilizavam. Houve diferença significativa entre os sexos ( $p=0,01$ ) no que se refere ao número de parceiros após a entrada na faculdade (Tabela 1).

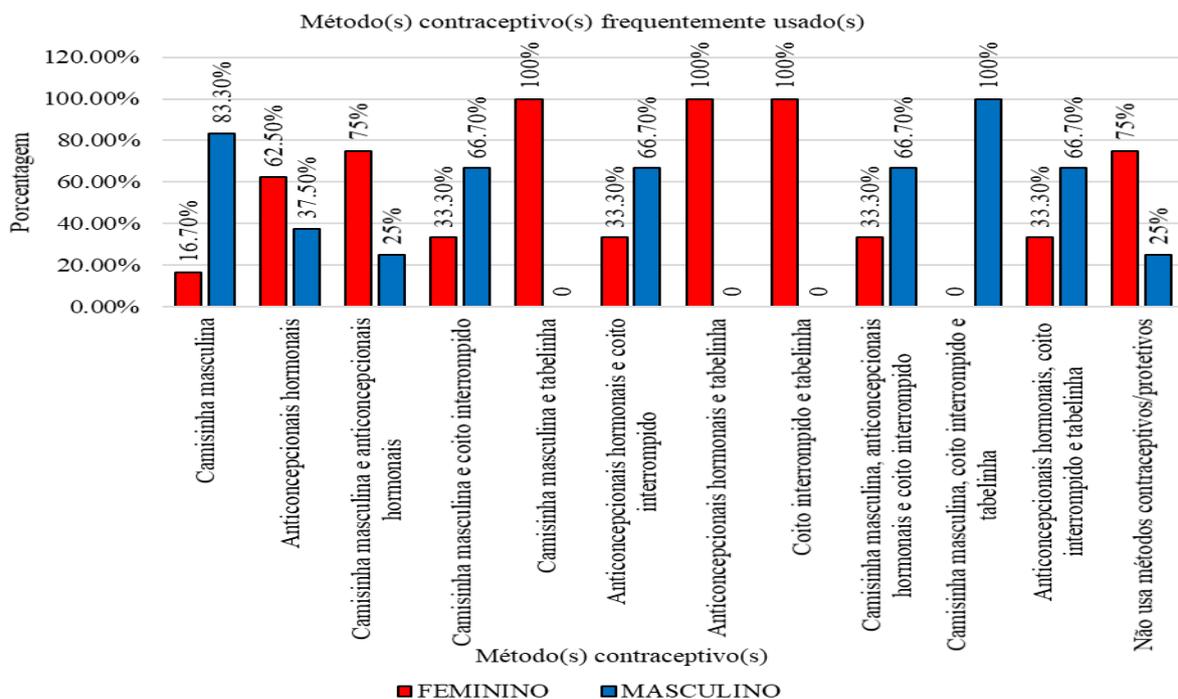
Tabela 1 - Quantidade de parceiros após entrada na faculdade por sexo

Quantidade de parceiros	Mulheres n (%)	Homens n (%)	p
<b>Um parceiro</b>	7 (35)	13 (65)	0,01
<b>Dois parceiros</b>	5 (41,7)	7 (58,3)	
<b>Três parceiros</b>	3 (75)	1 (25)	
<b>Quatro ou mais parceiros</b>	2 (16,7)	10 (83,3)	

Mesmo não havendo diferença significativa entre os sexos, ao questionar o principal motivo do não uso de preservativo, 32 (37,7%) responderam ser por diminuição do prazer. 22 (25,9%) responderam ser devido a confiança no parceiro; 6 (7%) disseram que quebra o clima; 1(1,15%) participante afirmou ser difícil e embaraçoso de usar e outro (1,15%) porque o parceiro não aceita; 13 (15,3%) possuem outras razões e 10 (11,8%) sempre usam preservativo.

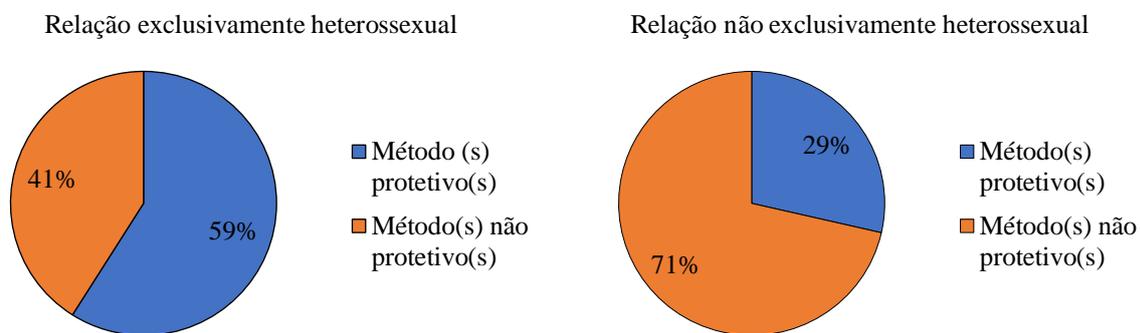
Observou-se que houve uma significativa diferença entre os sexos em relação ao(s) método(s) contraceptivo(s)/protetivo(s) usado(s) com mais frequência pelo casal ( $p=0,008$ ) (Gráfico 2). Não houve diferenças estaticamente significativas entre os sexos no que se refere a prática de alguma relação sexual sob efeito de álcool ou drogas e na interferência dessas substâncias no uso do preservativo em alguma atividade sexual. Dentre os participantes da pesquisa, 60 (71%) já praticaram alguma relação sob efeito de alguma(s) dessas substâncias e 25 (29%) nunca praticaram. Dos que já praticaram, 21 (35%) afirmaram ter interferido no uso de preservativo e 39 (65%) negaram.

Gráfico 2 - Método(s) contraceptivo(s) frequentemente usado(s) pelo casal



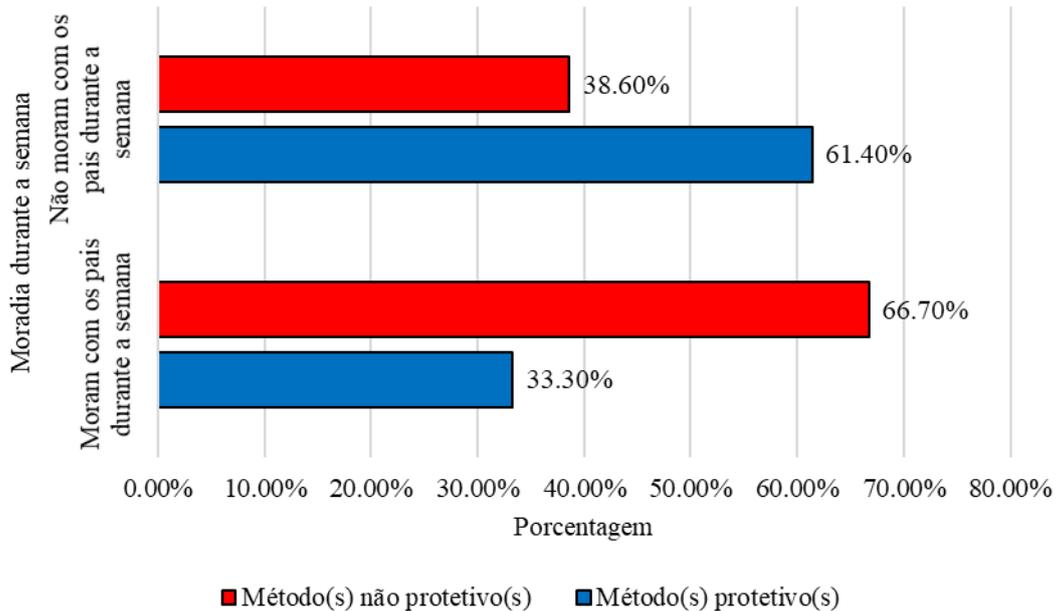
Ao correlacionar o tipo de relação sexual (exclusivamente heterossexual e não exclusivamente heterossexual) com o uso de método(s) protetivo(s) e não protetivo(s) às ISTs, apesar de não existir diferença significativa entre o tipo de relação sexual e o uso ou não de método(s) protetivo(s) ou não protetivo(s) às ISTs, os dados (Gráfico 3) mostraram uma tendência de as pessoas que praticam relação não exclusivamente heterossexual de não usarem método(s) protetivo(s) ou de não usarem nenhum (Odds Ratio com intervalo de confiança variando entre 0,6 e 19).

**Gráfico 3** - Associação entre o tipo de relação sexual com o uso de método(s) protetivo(s) ou não protetivo(s)



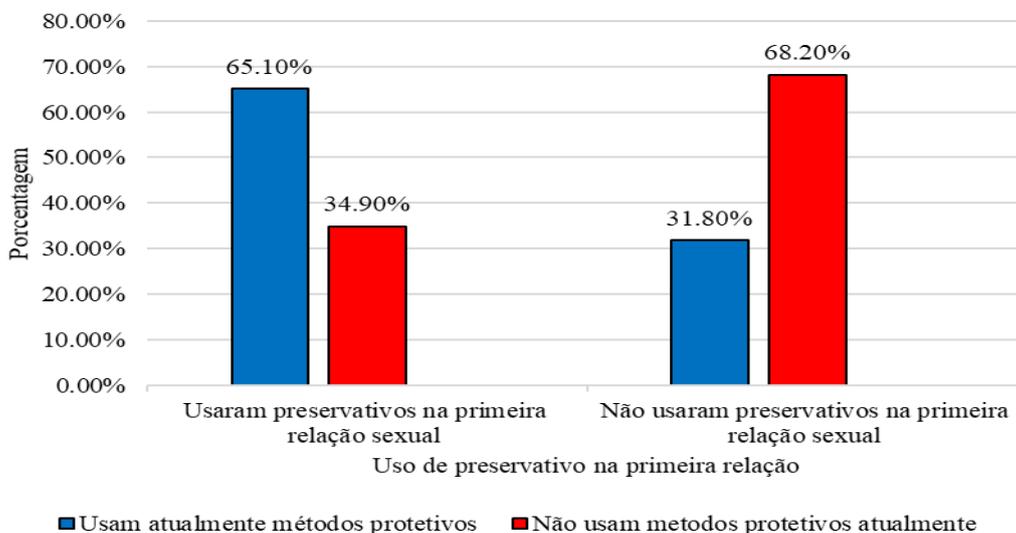
De todos os participantes que já tiveram relações sexuais, 48 (56,5%) afirmaram usar método(s) protetivo(s) durante a relação sexual e 37 (43,5%) afirmaram fazer uso de método(s) não protetivo(s) ou não fazer uso de algum método. Não houve diferença significativa ao comparar esses valores entre as diferentes religiões (e também entre quem não possui alguma) e entre a escolaridade dos pais. Considerando Odds Ratio de 0,314 (intervalo de confiança variando entre 0,097 e 0,902) e  $p=0,05$ , houve variação significativa entre morar ou não com os pais durante a semana com o uso de método(s) protetivo(s) e não protetivo(s) às ISTs (Gráfico 4).

**Gráfico 4** - Relação entre morar ou não com os pais durante a semana e o uso de método(s) protetivo(s) ou não protetivo(s)



Em relação ao número de parceiros após a entrada na faculdade, 57 (67%) tiveram até 1 parceiro sexual e 28 (33%) tiveram dois ou mais parceiros. Não houve diferença significativa entre morar ou não com os pais durante a semana com a quantidade de parceiros sexuais. Os dados mostraram como significativa a diferença entre usar ou não preservativo na primeira relação com a continuidade do uso de método(s) protetivo(s), evidenciada pelo Odds Ratio de 3,9 (intervalo de confiança variando entre 2,4 e 11,2) e  $p=0,007$  (Gráfico 5).

**Gráfico 5** - Associação entre o uso de preservativo na primeira relação sexual e seu uso atualmente



**4 DISCUSSÃO**

De acordo com Hugo et al. (2011), os hábitos sexuais são reflexo do início da vida sexual. Considerando o parceiro na primeira relação sexual (Gráfico 1), percebe-se que uma grande parte dos homens tiveram a primeira relação sexual com estranhos ou recém-conhecidos, representando quase o dobro em comparação às mulheres. Ademais, a grande maioria das mulheres começaram a atividade sexual com namorado(a), ao passo que menos da metade dos homens iniciaram dessa forma. Esses achados refletem a diferença entre o comportamento de ambos os sexos na primeira relação sexual, sugerindo que homens possuem um comportamento sexual de maior risco.

Ao relacionar a quantidade de parceiros após a entrada na faculdade por sexo (Tabela 1), conclui-se que, nessa pesquisa, mais homens declararam ter um maior número de parceiros após entrada na faculdade em comparação às mulheres, principalmente quando se tratava de ter tido quatro ou mais parceiros. Essa maior tendência de os homens terem mais parcerias sexuais também é evidenciada em outros estudos como o de Pimentel et al. (2016). Ao considerar o(s) método(s) contraceptivo(s)/protetivo(s) usado(s) com mais frequência pelo casal (Gráfico 2), observou-se que 95% usavam pelo menos um dos métodos. Ainda, constatou-se a maior prevalência do uso de camisinha masculina e anticoncepcionais hormonais, nessa ordem. Tal achado vai em consonância ao estudo de Delatorre & Dias (2015), que, mesmo com uma amostra maior de universitários, observou resultado semelhante, sendo que quase 92% dos jovens usavam contraceptivos, com igual ordem de prevalência dos métodos desse estudo.

No referente ao uso de métodos contraceptivos/protetivos em pessoas com parceiro sexual fixo, nessa pesquisa, 79% das pessoas com parceiro sexual fixo utilizavam desses métodos. No estudo de Brêtas et al. (2009) apenas 38,8% usaram preservativo com parceiro fixo, todavia, deve-se levar em consideração que a população deste estudo foi diferente, incluindo jovens de 15 a 24 anos.

Nessa pesquisa, 11,8% dos entrevistados que já tiveram alguma relação sexual afirmaram que sempre usaram preservativo. Em comparação a esse dado, percebe-se que no estudo de Teixeira et al. (2018), ao avaliar 86 estudantes de cursos de saúde, 45,3% se preveniam sempre, ou seja, porcentagem muito superior. Mesmo com amostra semelhante, deve-se considerar as possíveis diferenças na metodologia que possam explicar essa grande discrepância. Além disso, no presente estudo, quando os participantes deixaram de usar preservativo em alguma relação, a resposta mais frequente do motivo foi a diminuição do prazer.

Ao correlacionar o tipo de relação sexual (exclusivamente heterossexual e não exclusivamente heterossexual) ao uso de método(s) protetivo(s) e não protetivo(s) às ISTs, os dados (Gráfico 3) mostraram uma tendência de as pessoas que praticam relação não exclusivamente heterossexual de não usarem método(s) protetivo(s) ou de não usarem nenhum. Esse resultado está de acordo com o estudo de Cunha & Gomes (2014), que observou o maior desenvolvimento de práticas sexuais consideradas de risco para ISTs nos ambientes exclusivamente não heterossexuais.

Ao observar a condição de morar ou não com os pais durante a semana e o uso de método(s) protetivo(s) ou não protetivo(s) (Gráfico 4), percebe-se que o uso de protetivos foi proporcionalmente maior nos universitários que não moram com os pais, mostrando que tal condição foi, nesse estudo, considerada um fator de proteção para o uso de métodos que objetivam contracepção e prevenção de ISTs. Isso se contrapõe ao estudo de Yi et al. (2018), pois os autores concluíram que viver longe dos pais é um fator de risco para um comportamento sexual arriscado, que engloba o não uso de métodos protetivos.

A maioria das pessoas desse estudo usou preservativo na primeira relação sexual. Somando-se a isso, esse uso na iniciação sexual aumenta a probabilidade de uso na última relação, uma vez que aqueles que usaram na primeira possuíam 3,9 vezes mais chance de usar nas subsequentes (Gráfico 5). Isso reforça ainda mais a importância de uma orientação contínua e precoce para o estímulo ao uso do preservativo. Esse resultado vai ao encontro com outros estudos de base populacional, como o estudo de Teixeira et al. (2006) e Oliveira et al. (2015).

O uso de preservativo na primeira e na última relação sexual tem se mostrado intimamente relacionado em inúmeros estudos, sendo associado a práticas sexuais saudáveis e ao estabelecimento de padrão de uso de preservativos. Provavelmente, a continuidade no uso de preservativo pode ser explicada pelos resultados positivos que isso possa provocar. O emprego de condutas pode ser moldado pelas vivências que ocorrem ao longo da vida. Se uma pessoa adota determinada conduta e a mesma é de alguma forma repetida, é provável que se mantenha (SHAFII et al., 2004; MOREIRA; DUMITH; PALUDO, 2018). Também é necessário ter uma atenção especial às pessoas que não utilizaram preservativo na primeira relação sexual e ainda seguem adotando essa prática de não uso. Isso exige uma investigação dos motivos, a fim de atuar no fortalecimento das ações preventivas (MOREIRA; DUMITH; PALUDO, 2018).

Alguns fatores influenciadores associados à conduta sexual de risco por parte dos jovens também incluem uso de álcool e escolaridade dos pais (SILVA; CAMARGO; IWAMOTO, 2014). Esse estudo convergiu a isso no tocante ao uso de álcool. A maioria dos participantes praticou alguma relação sexual sob efeito de álcool ou outras drogas. Em complementariedade a isso, o álcool

interfere na proteção de uma relação sexual, já que uma parcela dos participantes afirmou que o uso de bebidas alcóolicas ou de outras drogas interferiu no uso do preservativo, ou seja, favoreceu relações sexuais desprotegidas e, conseqüentemente, o aumento das chances de contrair uma infecção sexualmente transmissível. Já em relação a escolaridade dos pais, não houve diferença no uso de método(s) protetivo(s) ou não protetivo(s) às ISTs entre as diferentes possibilidades de escolaridade dos pais, fazendo com que esse fator não seja determinante em um dos aspectos do comportamento sexual dos participantes desse estudo.

Yi et al. (2018) afirmaram que viver longe dos pais e a religiosidade eram fatores associados a hábitos de risco entre estudantes universitários. Nesse estudo, possuir ou não alguma religião e qual a religião não interferiu no uso ou não de método(s) protetivo(s) às ISTs. Além disso, morar sem os pais durante a semana não foi um fator significativo no que se refere a quantidade de parceiros sexuais em comparação a quem morava com os pais. Todavia, deve-se levar em consideração que o estudo de Yi et al. (2018) foi realizado em condições culturais distintas.

Como limitação dessa pesquisa, apesar de existirem estudos acerca dessa temática, poucos foram realizados com estudantes de medicina, dificultando uma comparação mais específica. Como pontos positivos, essa pesquisa abrange uma área importante que ainda não possui uma literatura significativa. Além disso, muitos dos dados discutidos foram relevantes e implicaram em correlações importantes, passíveis de intervenção prática.

## **5 CONCLUSÃO**

Diante das informações e correlações advindas desse estudo, pôde-se conhecer que o comportamento sexual se diferiu entre os sexos em alguns aspectos e não se mostrou adequado em sua totalidade, já que alguns resultados sugeriram hábitos arriscados por parte de alguns participantes. Essa situação é passível de intervenção no tocante à conscientização desses acadêmicos, que reflita em práticas mais seguras, tendo em vista a identificação de situações de risco e fatores influenciadores. Mesmo assim, é importante que mais estudos sejam feitos para compreender se os comportamentos inadequados identificados compreendem casos pontuais no grupo analisado ou se refletem uma tendência global, até mesmo de outras etapas da graduação que não foram avaliadas.

**REFERÊNCIAS**

ALMEIDA, T.M; ROCHA, L.S. Gravidez na Adolescência: Reconhecimento do Problema para Atuação do Enfermeiro na sua Prevenção. **ANAIS SIMPAC**, v. 7, n. 1, p. 1-6, 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico AIDS**. 2018.

BRÊTAS, J.R.S.; et al. Conhecimento sobre DST/AIDS por estudantes adolescentes. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 43, n. 3, p. 551-557, 2009.

BRÊTAS, J.R.S.; et al. Conhecimentos de adolescentes sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis: subsídios para prevenção. **Escola Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 6, p. 786-792, 2009.

CASTRO, E.L.; et al. O conhecimento e o ensino sobre doenças sexualmente transmissíveis entre universitários. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 21, n. 6, p. 1975-1984, 2016.

CHINAZZO, I.R.; CÂMARA, S.G.; FRANTZ, D.G. Comportamento sexual de risco em jovens: aspectos cognitivos e emocionais. **Fascículo Psico-USF** v. 19, n. 1, p. 1-12, 2014.

CUNHA, R.B.B.; Gomes, R. Os jovens homossexuais masculinos e sua saúde: uma revisão sistemática. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, p. 57-70, 2014.

DANTAS, K.T.B.; et al. Jovens universitários e o conhecimento acerca das doenças sexualmente transmissíveis – contribuição para cuidar em enfermagem. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 1-17, 2015.

DELATORRE, M.Z.; DIAS, A.C.G. Conhecimentos e práticas sobre métodos contraceptivos em estudantes universitários. **Revista da SPAGES - Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v. 16, n. 1, p. 60-73, 2015.

FALCÃO JÚNIOR, J.S.P.; et al. Perfil e práticas sexuais de universitários da área de saúde. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, v. 11, n. 1, p. 58-65, 2007.

HUGO, T.D.O. et al. Fatores associados à idade da primeira relação sexual em jovens: estudo de base populacional. **Cadernos de Saúde Pública, Rio de Janeiro**, v. 27, n. 11, p. 2207-2214, 2011.

JOINT UNITED NATIONS PROGRAMME ON HIV/AIDS (UNAIDS). Prevention gap report. **Geneva: UNAIDS**, 2016.

LEVIN, J. **Estatística Aplicada a Ciências Humanas**. 2.ed. São Paulo: Editora Harbra Ltda, 1987.

LOOBY, A., et al. Alcohol-related protective behavioral strategies as a mediator for the relationship between drinking motives and risky sexual behaviors. **Addictive Behavior**, v. 93, n. 1, p. 1-8, 2019.

MOREIRA, L.R.; DUMITH, S.C.; PALUDO, S.S. Uso de preservativos na última relação sexual entre universitários: quantos usam e quem são? **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 23, p. 1255-1266, 2018.

OLIVEIRA, L.F.R.; et al. Adesão de adolescentes à camisinha masculina. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 1, p. 1765-1773, 2015.

PIMENTEL, M.H. et al. Comportamento sexual e estudantes do ensino superior. **Psicologia, saúde & doenças**, v. 1, n. 1, p. 352-367, 2016.

RABELO, S.T.; et al. Gravidez e DST: Práticas preventivas entre universitários. **Jornal Brasileiro DST**, v. 18, n. 2, p. 148-155, 2006.

SHAFII, T.; et al. Is condom use habit forming? Condom use at sexual debut and subsequent condom use. **Sexually transmitted diseases**, v. 31, n. 6, p. 366-37, 2004.

SILVA, L.P.; CAMARGO, F.C.; IWAMOTO, H.H. Comportamento sexual dos acadêmicos ingressantes em cursos da área da saúde de uma universidade pública. **Revista de Enfermagem e Atenção à Saúde**, v. 3, n. 8, p. 39-52, 2014.

SOARES, L.R.; et al. Avaliação do comportamento sexual entre jovens e adolescentes de escolas públicas. **Adolescência & Saúde**, v. 12, n. 2, p. 76-84, 2015.

TEIXEIRA, A.; et al. Adolescentes e uso de preservativos: as escolhas dos jovens de três capitais brasileiras na iniciação e na última relação sexual. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 22, n. 7, p. 1385-1396, 2006.

TEIXEIRA, R.C.; et al. Use of condoms by students in health courses at a public university. **Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 39, n. 1, p. 85-90, 2018.

YI, S.; et al. Social and Behavioural factors associated with risky sexual behaviours among university students in nine ASEAN countries: a multi-country cross-sectional study. **SAHARA-J: Journal of Social Aspects of HIV/AIDS**, v. 15, n. 1, p. 71-79, 2018.